

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**ANA GIULLIA CECOTTE ALVES DE OLIVEIRA**

**AMPLIANDO A AUDIÊNCIA: A Transformação da Fundação Osesp em Busca  
da Diversificação do Público**

**São Paulo**

**2023**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**ANA GIULLIA CECOTTE ALVES DE OLIVEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos do CELACC – USP, em 2023, sob orientação do Prof. Dr. Danilo de Oliveira.

**AMPLIANDO A AUDIÊNCIA: A Transformação da Fundação Osesp em Busca da Diversificação do Público**

**São Paulo**

**2023**

# **AMPLIANDO A AUDIÊNCIA: A Transformação da Fundação Osesp em Busca da Diversificação do Público<sup>1</sup>**

**Ana Giullia Cecotte Alves De Oliveira<sup>2</sup>**

**Resumo:** A tentativa de popularizar a música sinfônica é um movimento em escalada que começou na Europa, nos anos 70, e migrou para a América Latina juntamente com a excelência e repertório exigidos nesse tipo de expressão cultural, formando orquestras de alto padrão, como a Osesp. A Fundação Osesp, órgão de direito privado que possui contrato de gestão para administrar a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, e sua casa, a Sala São Paulo, também não mede esforços para democratizar o acesso à música secular, entendendo seu papel fundamental na cultura da cidade – e país. Mas será que tem funcionado? Este artigo busca se debruçar sobre o tópico e levantar algumas características do assíduo, homogêneo e rigoroso público da Sala São Paulo, além de tentar entender quais as iniciativas da instituição voltadas para a pluralização da plateia.

**Palavras-chave:** Orquestra. Cultura. Música. Educação. Elite.

---

<sup>1</sup>Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

<sup>2</sup>Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

## INTRODUÇÃO

As organizações sociais de cultura possuem um papel de extrema importância na sociedade e na comunidade nas quais estão estabelecidas, não só no território brasileiro, como também em âmbito mundial. São organizadas por vontade de um coletivo de pessoas unidas em prol de um mesmo objetivo: ajudar e realizar ações que favoreçam artística e culturalmente o próximo, sem fins lucrativos.

De acordo com o próprio site, a Fundação Osesp é uma instituição que tem por objetivo apoiar, incentivar, assistir, desenvolver e promover a cultura, a educação e a assistência social, com ênfase à música de concerto, instrumental e vocal. Os diversos e antigos projetos de iniciação e profissionalização musical, somados aos de cunhos educacional e social, indicam o intenso e constante esforço de popularização desempenhado pelo equipamento cultural.

No mais, um recorte sobre o público dos concertos, especificamente, evidencia o óbvio. Um perfil bem desenhado, protegido por uma bolha social densa, é maioria nas poltronas da sala de concertos. Mesmo que os esforços se voltem à divulgação dos concertos gratuitos e programações de preço acessível; e que os valores habituais tenham um piso relativamente baixo – R\$ 39,60, 3% do salário mínimo brasileiro (2023) – não é possível deixar de notar a homogeneidade da platéia: proporcionalmente, homens e mulheres brancos, de faixa etária média nos 55 anos, e com bastante bagagem cultural e financeira.

Recentemente, a partir de um projeto da Direção de modernização e colocação da Osesp no presente, párea para a concorrência cultural no mercado de patrocínios e incentivos públicos, um movimento de pesquisas mais qualitativas e de autoconhecimento começou na instituição. Entendeu-se, então, que as limitações que afastam a Osesp da massa estão longe de ser apenas financeiras.

O bureau de pesquisa e estratégia Zodíaco Cultural Strategy, contratado pela própria Fundação Osesp em 2022 para analisar o público e suas motivações, identificou que boa parte das pessoas que frequentam a Sala São Paulo ocasionalmente sentem insegurança em relação aos rituais socialmente estabelecidos que permeiam o local em forma de estereótipo – ou não –, como o que vestir ou a que momento bater palmas. O medo da represália daqueles que estão acostumados com os “códigos de conduta” também é impeditivo na missão

de democratizar e renovar plateia.

## **CONTEXTO HISTÓRICO E DISCUSSÃO TEÓRICA**

O ponto de partida deste projeto retoma o início da existência e do consumo da música sinfônica, chamada popularmente de música clássica ou música erudita, a principal variedade produzida nas tradições da música secular e litúrgica da Europa Ocidental.

Seus primórdios podem ser rastreados no final da Idade Média e no Renascimento, com o desenvolvimento da música sacra e da música polifônica. O início propriamente dito pode ser atrelado ao período barroco, entre os séculos XVII e XVIII, mas foi no período clássico (entre o final do século XVIII e o início do século XIX) que a sinfonia começou a se desenvolver como uma forma musical distinta. Compositores como Haydn, Mozart e Beethoven foram fundamentais para sua evolução, expandindo o tamanho da orquestra e estabelecendo a estrutura básica da sinfonia. No período romântico, a música sinfônica se tornou mais expressiva e emocional, enquanto no século XX, houve experimentação com novas harmonias, ritmos e estruturas.

O gênero está intrinsecamente ligado a valores políticos, sociais e econômicos desde o seu surgimento, sendo fortemente e exclusivamente consumido pela burguesia entre os dois primeiros períodos. Os emergentes, com seu poder econômico e social crescente, tinham um grande apetite em consumir música sinfônica como forma de demonstrar seu refinamento cultural e artístico. A demanda levou à formação de orquestras profissionais e salões de concertos, onde os grupos de interesse podiam desfrutar das obras ao vivo e se relacionar “com os seus”. Além disso, a nobreza financeira e cultural desempenhou um papel fundamental como patrona da música sinfônica, financiando e apoiando os compositores. Essa relação simbiótica impulsionou o desenvolvimento da música de concerto.

A música clássica, ao longo dos séculos, espalhou-se e desenvolveu-se em diversos países europeus, com importantes centros musicais em cidades como Viena, Salzburgo, Leipzig, Paris e Londres. Através de composições, apresentações e intercâmbios culturais, a música clássica se difundiu amplamente por todo o continente e além, influenciando e sendo influenciada pelas tradições

musicais locais.

Falando sobre o território nacional, a música clássica no Brasil teve influências de diferentes períodos e estilos europeus ao longo da história. A chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, trouxe consigo uma série de transformações culturais, incluindo o estabelecimento de instituições musicais e a disseminação da música clássica no país.

No século XIX, o Brasil viu o surgimento de compositores brasileiros que se dedicaram à música clássica, como Francisco Manuel da Silva, autor da conhecida melodia do Hino Nacional Brasileiro. O período romântico também teve influência no Brasil com compositores como Carlos Gomes, que se destacou internacionalmente com óperas como "O Guarani" e "Il Guarany". Já no início do século XX, a música clássica brasileira foi marcada pela influência do nacionalismo, com compositores como Villa-Lobos incorporando elementos da cultura e folclore brasileiros em suas obras.

A partir da década de 1950, ocorreram importantes avanços na música clássica no Brasil. Surgiram grupos de câmara, orquestras e instituições de ensino e pesquisa dedicadas à música erudita. O Festival de Inverno de Campos do Jordão, criado em 1970 e promovido atualmente pela Fundação Osesp, se tornou um importante evento para o país nesse sentido, atraindo músicos e estudantes de todo o mundo.

Atualmente, o Brasil possui uma cena musical clássica vibrante, com várias orquestras sinfônicas, grupos de câmara, festivais e concursos. Há também um número crescente de jovens músicos brasileiros se destacando internacionalmente, além do país deter a melhor orquestra da América Latina – a Osesp – e uma das 10 melhores Salas de Concerto do mundo (The Guardian, 2015), a Sala São Paulo.

A construção da primeira estrada de ferro em São Paulo, idealizada pelo Barão de Mauá, ocorreu em 1867, quando a cidade de São Paulo vivia um período de crescimento e transformação. O café havia se tornado o principal produto da economia brasileira, impulsionando o desenvolvimento da região.

A Sorocabana, inaugurada em 1875, foi uma das principais ferrovias do Estado. No início do século XX, passou por dificuldades financeiras e foi entregue à União para quitar dívidas. Em 1997, a Secretaria de Estado da Cultura convidou o arquiteto Nelson Dupré para participar da restauração, transformando-a na Sala

São Paulo.

Dupré enfrentou diversos desafios, como isolamento acústico, restauração arquitetônica e nova infraestrutura. O resultado foi uma transformação impressionante da antiga estação ferroviária em uma sala de concertos de classe mundial.

A Sala São Paulo é reconhecida internacionalmente pela sua excelência acústica e pelo seu design arquitetônico. Ela possui capacidade para mais de 1.300 espectadores e conta com uma estrutura moderna e sofisticada, incluindo palco, plateia e áreas de apoio. Conhecida por proporcionar uma experiência sonora imersiva e de alta qualidade, é adequada para performances sinfônicas e musicais de diversos gêneros.

Além dos concertos da Osesp, a Sala São Paulo também abriga apresentações de outras orquestras, grupos musicais, artistas nacionais e internacionais, eventos externos e uma gama de projetos educativos e sociais promovidos pela Fundação Osesp.

O espaço é um importante centro cultural da cidade de São Paulo, sua presença é símbolo do compromisso do Brasil com a música clássica, e representa a importância da cultura e das artes na sociedade, atraindo amantes da música e contribuindo para a promoção e difusão do gênero no país.

Vale lembrar que a história da Sala São Paulo representa um paralelo com o fenômeno da gentrificação urbana. Inicialmente, o edifício abrigava uma estação de trem, servindo como um espaço de mobilidade e encontro para a população em geral. No entanto, com o passar do tempo, essa infraestrutura foi abandonada e, posteriormente, renovada e revitalizada para dar lugar à aclamada sala de concertos que conhecemos hoje.

Esse processo de transformação pode ser compreendido como uma forma de gentrificação cultural, uma vez que o espaço originalmente voltado ao uso público foi modificado para atender, majoritariamente, a uma elite culturalmente privilegiada. A Sala São Paulo, como uma prestigiada casa de concertos, atrai especialmente uma parcela da sociedade com maior poder aquisitivo e familiaridade com a música clássica. O público que frequenta o local é, muitas vezes, composto por indivíduos com formação musical, artistas, apreciadores das artes e, portanto, associados a uma elite cultural.

Essa gentrificação cultural traz consigo questões de acesso e representatividade. Embora a Sala São Paulo busque promover programas educacionais e ações para ampliar a democratização da música de concerto, ainda pode haver desafios em alcançar uma diversidade de públicos que reflita a pluralidade social da cidade. A transformação do espaço, apesar de trazer benefícios culturais indiscutíveis, também pode gerar impactos na estrutura social e espacial do entorno, influenciando dinâmicas urbanas, preços imobiliários e a composição da população residente.

Para entender melhor as fundamentações dos incontáveis ritos que permeiam a música sinfônica e, por consequência, seu público, vale voltar um pouco na história e destrinchar a ideia de Cultura. Os conceitos de cultura passaram por várias modificações ao longo do tempo e suas interpretações foram adaptadas de acordo com seus contextos históricos.

Este estudo traz o entendimento de cultura do teórico Edward Thompson em seus escritos sobre “Ideologia e cultura moderna”. Thompson (1995, p. 166) cita que entre o século XVII e XIX o termo “cultura” era, geralmente, usado para se referir a um processo de desenvolvimento intelectual ou espiritual, que diferia, sob certos aspectos, do de civilização, isto é, o que o autor chama de “Concepção Clássica de Cultura”.

Para as fases da cultura, por assim dizer, o autor alega que no continente europeu a palavra denominava o “cultivo ou cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais”. (1995, p. 167). No início do século XIX o termo era usado como sinônimo de “civilização”. Na Europa, especialmente na França e na Inglaterra, era utilizado para descrever o desenvolvimento humano que se opunha à barbárie, no século XVIII. Já as concepções desenvolvidas por Thompson abordam duas linhas do conceito de cultura, a concepção descritiva e a simbólica.

O autor (1995, p. 166) descreve que “a concepção descritiva de cultura refere-se a um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico”. Já a concepção simbólica “muda o foco para um interesse com o simbolismo: os fenômenos culturais, de acordo com essa concepção, são fenômenos simbólicos e o estudo da cultura está essencialmente ligado à

interpretação dos símbolos e da ação simbólica”.

Trazendo o conceito para o objeto de análise deste texto, é possível traçar um paralelo do porquê o universo sinfônico possui dificuldade para penetrar camadas mais massivas e populares da sociedade. A partir da definição de cultura descritiva, admite-se que os valores, crenças e costumes que permeiam a música clássica podem ser, de certa forma, intimidadores para quem não está habituado com estes.

### **PERFIL DE PÚBLICO E O CONSUMO DE CULTURA**

Os rituais podem afastar parte do público. O estereótipo da etiqueta rígida, linguagem extremamente específica e técnica, percepção de elitismo e falta de familiaridade com o repertório podem tornar a experiência desconfortável e excluírem pessoas que não estão familiarizadas com o ambiente da música clássica. No entanto, esforços estão sendo feitos para torná-la mais inclusiva e atrativa, buscando quebrar essas barreiras e atrair um público mais diversificado.

Em uma discussão das relações de poder e a cultura, o autor Eagleton propõe que a cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos, nossa motivação e propósito. Para o autor, afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados de comércio. No entanto, a cultura pode ficar também desconfortavelmente próxima demais, nos tornando reféns de nossos próprios gostos, tendendo a imprimi-los.

Essa própria intimidade pode tornar-se mórbida e obsessiva a menos que seja colocada em um contexto político esclarecido, que possa temperar essas imediações com afiliações mais abstratas, mas também de certa forma mais generosas. (EAGLETON, 2005, p. 184). Eagleton, ao citar que a “a cultura deve ser colocada em um contexto político esclarecido”, faz referências às relações de poder e a cultura, e que, nesse sentido, há relação entre cultura e política.

Essa relação também é dita por Thompson (1995, p. 179) quando cita que “os fenômenos culturais também estão implicados em relação de poder e conflito”, isto é as ações e manifestações verbais do dia a dia, assim como fenômenos mais elaborados, tais como rituais, festivais e obras de arte são sempre produzidas ou

realizadas em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade. (THOMPSON, 1995, p. 179).

Existe uma questão subjacente entre o que é considerado popular e erudito, e essa questão está relacionada à divisão de classes na sociedade. A divisão entre a classe dominante e a classe trabalhadora é o que resulta nas diferenças culturais observadas. A classe dominante tem interesse em demarcar cada vez mais essa divisão entre a elite e as massas. Com isso, a elite busca se distanciar do povo e, como detentora do poder, estabelece o que é conhecido como "culto" em suas opções e estilo de vida.

Assim, tudo o que é do povo é posto como popular, pois não pertence ao que a elite abrangeu em suas opções de distanciamento cultural. Chauí (1986) deixa isso claro quando cita que, em sentido restrito, isto é, articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos, de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular (CHAUÍ, 1986, p. 14).

Nesse sentido, pode-se traçar um paralelo entre as resistências – tanto a do público da Sala São Paulo em ver seus opositos ocupando as mesmas cadeiras, quanto a desses mesmos opositos em adentrarem num mundo novo, cheio de suas próprias particularidades, que lhes é intimidador e pouco convidativo.

Para Chauí (1986) quando os que detêm o poder, seja o Estado ou grupos elitistas, iniciam um movimento de modernização e assimilação cultural da classe trabalhadora, é com intuito de regulação, mas o contrário dificilmente se aplica. Talvez por isso o consumidor de música sinfônica seja tão ciumento.

### **A QUEM INTERESSA POPULARIZAR A MÚSICA CLÁSSICA**

Com o objetivo analisar o perfil do público da Osesp e um recorte dele, os Assinantes – pessoas que já garantem seus ingressos da temporada seguinte no fim de cada ano, provando sua fidelidade e sensação de pertencimento – os dados da MC15 Envirosell (2021) em relação a gênero, estado civil, idade, classe social e nível de instrução foram estudados. Os resultados mostram uma predominância de pessoas casadas e de idade mais avançada tanto no público geral da Osesp quanto

entre os Assinantes.

Além disso, observa-se uma concentração significativa de pessoas da classe A na amostra, de 1.053 pessoas, o que sugere uma falta de diversidade socioeconômica nesse grupo. Essa homogeneidade pode ser um indicativo de barreiras de acesso à música clássica, bem como um reflexo das estruturas sociais e econômicas que permeiam a sociedade e sustentam esse muro invisível entre a Osesp e o povo.

De acordo com os dados coletados, aproximadamente 50% do público da Osesp é composto por homens. Esse equilíbrio pode sugerir uma quebra na tendência histórica e cultural em relação à apreciação da música clássica, na qual a participação feminina não era tão expressiva quanto a masculina. Cerca de 49% do público da Osesp é composto por pessoas casadas, o que inspira que o público da orquestra é formado, em grande parte, por pessoas que têm a oportunidade de apreciar a música clássica como uma atividade conjunta, reforçando a influência do ambiente familiar na escolha dos concertos.

A idade média do público da Osesp é de 55 anos, indicando uma presença maior de pessoas de meia-idade e mais velhas nos concertos. Essa predominância de faixas etárias mais avançadas pode ser atribuída a diversos fatores, como o interesse limitado à música clássica em idades mais jovens, ou a preferência musical adquirida ao longo do tempo.

Observa-se que 50% do público da Osesp pertence à classe A e 43% pertence à classe B, uma concentração relevante de pessoas de alta renda entre os frequentadores dos concertos. Outrora, isso poderia ser resultado de barreiras econômicas que dificultam o acesso da população de classes sociais mais baixas à música clássica, como o alto custo dos ingressos ou a falta de divulgação e programas de inclusão social, no mais, o capítulo a seguir pondera uma série de iniciativas de democratização de acesso por parte da Osesp, seja no âmbito financeiro ou no de publicidade e propaganda.

Em relação ao grau de instrução, a pesquisa revela que cerca de 91% do público da Osesp possui ensino superior completo, um alto nível de instrução entre os frequentadores dos concertos, o que pode estar relacionado ao fato de a música clássica ser historicamente associada à elite intelectual.

Ao comparar o perfil do público geral da Osesp com o perfil dos Assinantes,

alguns padrões semelhantes emergem. Os Assinantes representam uma parcela significativa do público que frequenta a Sala São Paulo regularmente. No entanto, os dados revelam uma maior homogeneidade entre eles em relação ao público geral. Nota-se uma predominância ainda maior de homens (52%) e de pessoas casadas (55%) entre este público segmentado, em comparação com o público geral.

Além disso, o perfil socioeconômico dos Assinantes também é notavelmente diferente, reforçando o estigma elitista do gênero, pois aproximadamente 61% dos Assinantes pertencem à classe A. Essa homogeneidade socioeconômica levanta preocupações sobre a falta de diversidade e representatividade dos diferentes estratos da sociedade nos concertos da Osesp.

A concentração de pessoas de faixas etárias mais avançadas, a predominância masculina, a representação majoritária de casados e a forte presença da classe A entre os Assinantes e o público da Osesp como um todo podem ser indicativos de uma falta de democracia e de acessibilidade à música clássica. Esses padrões refletem as desigualdades sociais e econômicas presentes na sociedade, nas quais determinados grupos têm maior facilidade de acesso à cultura e às artes.

Para promover uma maior democratização da música clássica e garantir a inclusão de diferentes grupos sociais, é necessário abordar as barreiras financeiras, sociais e educacionais que impedem a participação de pessoas de baixa renda, mulheres, jovens e aqueles com menor nível de instrução. Iniciativas como programas de inclusão social, subsídios para ingressos, parcerias com instituições educacionais e divulgação ampla contribuem para a diversificação do público e a promoção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Sob a luz destes dados, vale trazer à tona que os Assinantes são um público rigoroso e fiel aos costumes. Estranham tosses demasiadas e aplausos fora de hora, além de algumas das roupas escolhidas pelos colegas para apreciação do concerto. Não abrem mão da cadeira demarcada e do silêncio absoluto, não hesitando em pedir “xiu” no primeiro sussurro.

O comportamento dos Assinantes da Osesp pode, de fato, ter um impacto negativo na presença de novos públicos, criando uma atmosfera intimidante para aqueles que não estão familiarizados com os costumes e protocolos das salas de

concerto. Essas expectativas rígidas em relação ao silêncio e à demarcação de assentos podem transmitir uma sensação de elitismo e exclusão, fazendo com que potenciais espectadores se sintam desconfortáveis ou inadequados.

Vale lembrar, também, que a instituição conta com a série de Assinaturas Flexível. Este modelo, revela um aspecto intrigante do comportamento do público em relação à instituição. Ao contrário dos assinantes da série fixa, esses espectadores demonstram uma fidelidade ligeiramente inferior, pois optam por um formato mais flexível de participação.

Ao escolherem pontualmente os concertos aos quais desejam assistir, em vez de adquirirem uma série pronta, já estabelecida, os assinantes da série flexível indicam sua necessidade de maior liberdade de escolha. O público busca uma relação mais personalizada com a programação da Osesp, priorizando a seleção de eventos que mais se alinham com seus interesses e disponibilidades.

Através dessa abordagem individualizada, os assinantes da série flexível podem se sentir mais envolvidos e engajados com as atividades da instituição, contribuindo para uma dinâmica de relacionamento que valoriza a singularidade das preferências musicais e agendas de cada indivíduo.

Em uma de suas obras mais conhecidas, "Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão" (1975), Foucault examina a evolução do sistema punitivo e explora como as instituições sociais exercem poder e controle sobre os indivíduos. Foucault argumenta que o poder não é apenas exercido de forma repressiva, mas também de maneiras sutis e disciplinares. Ele afirma que não se trata apenas de reprimir, proibir ou impedir, mas também de produzir, manejar, dar forma, multiplicar, tornar visíveis e legíveis; é uma forma de poder que incide diretamente sobre o corpo e o tempo.

A idade avançada dos Assinantes da Osesp é um fator importante a ser considerado. Com uma média de idade elevada, é fundamental buscar a renovação da plateia. A falta de diversidade em faixas etárias pode limitar o potencial de crescimento e sustentabilidade das orquestras. A atração de um público mais jovem é essencial para garantir a continuidade e a relevância da música clássica no futuro.

Para atrair e engajar novos públicos, é necessário repensar a abordagem das orquestras em relação às expectativas e aos costumes dos Assinantes mais tradicionais. É importante promover uma atmosfera acolhedora e inclusiva, onde

diferentes formas de expressão e comportamento sejam toleradas. A criação de programas educacionais e atividades de divulgação que desmistifiquem a música clássica e tornem os concertos mais acessíveis e envolventes para um público mais diversificado também é uma atitude fundamental tomada pela Fundação.

Renovar e rejuvenescer a plateia envolve explorar novos formatos de concertos e espaços alternativos. A introdução de programações inovadoras, que integrem elementos visuais e interativos, bem como a promoção de colaborações com artistas de outros gêneros musicais, podem ajudar a quebrar as barreiras entre a música clássica e o público mais jovem.

Nesse sentido, a Osesp busca pluralizar seus espaços de apresentação, como a temporada no Teatro B32, na Faria Lima, o projeto Osesp Itinerante, que leva parte da orquestra para se apresentar em teatros e igrejas no interior do estado; e o Festival de Inverno de Campos do Jordão, que leva um mês inteiro de música, anualmente, há 53 edições, para a cidade que é considerada “A Suíça Brasileira”.

Os projetos Encontros Históricos na Sala São Paulo, Sinfonia de Games e Heróis e Heroínas também são formas de alternar o repertório – convidando artistas renomados da MPB para se apresentarem junto à orquestra, no primeiro caso; e reproduzindo trilhas sonoras de jogos e filmes populares entre faixas etárias mais jovens, no segundo e terceiro casos – em busca de penetrar nichos de interesse.

Ademais, o mesmo estudo promovido pela MC15 (2021) informa que a queda de público nas orquestras é uma tendência geral, o que implica no fato de que a preocupação em renovar público é generalizada também. À época, a pesquisa relatou que, em 2017, a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo tinha um público de 17% daqueles que frequentam à Osesp. Em 2021, o índice regrediu para 14%. A Orquestra Bachiana Filarmônica, por sua vez, foi de 7% a 6% no mesmo período, enquanto Orquestras e Grupos Internacionais, de modo geral, foram de 16% a 14%.

As orquestras desempenham um papel importante na promoção da música clássica e na preservação do patrimônio cultural. No entanto, essa tendência de queda de público ao longo dos anos acende um alerta nos gestores.

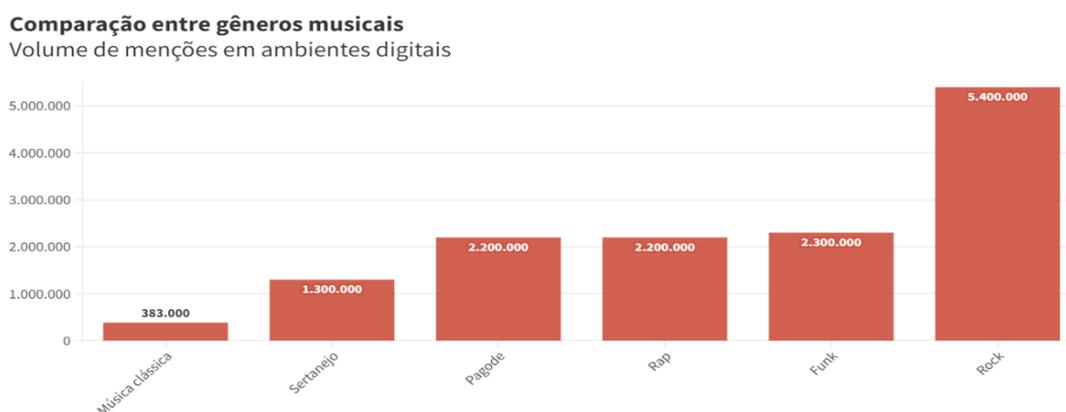
Uma das tendências listadas como possíveis causas dessa mudança, é o comportamento do público em relação ao consumo de entretenimento. Com o

avanço da tecnologia e a disponibilidade de diversas formas de entretenimento em casa, como streaming de música e filmes, as pessoas têm mais opções de lazer sem sair de casa, e tal fenômeno de comportamento pode ter contribuído para a diminuição de plateia nas orquestras.

Outro fator que pode influenciar a queda de público é a percepção de falta de relevância das orquestras para as gerações mais jovens. Conforme discorrido ao longo deste texto, a música clássica é muitas vezes vista como algo distante e elitizado, o que pode afastar os jovens e dificultar a renovação do público. A falta de conexão entre a música orquestral e os interesses e vivências dessas pessoas contribui para a diminuição do seu interesse em frequentar esses eventos.

De acordo com a ferramenta Meltwater, entre 2 de junho de 2022 até 2 de junho de 2023, os termos "música clássica" e "orquestra" foram citados em 383 mil publicações, em português, entre sites e blogs, Facebook, Instagram, Twitter e TikTok. O volume é bem inferior ao de outros gêneros musicais. Em comparação com as citações aos termos "rock", "sertanejo", "pagode", "funk" e "rap", a música clássica foi a menos mencionada. Todos os outros gêneros ultrapassaram a marca de 1 milhão de citações.

**Imagem 1:** Comparação da busca por gêneros músicas na internet.



**Fonte:** Meltwater, 2023.

Nas redes sociais, a adesão à música clássica ainda é muito dependente da associação com outros gêneros musicais. No mesmo período, entre as publicações com mais engajamento, todas abordaram o uso da orquestra em interpretações de

músicas de outros gêneros. Entre os conteúdos que se destacaram: Sepultura tocando Beethoven, o guitarrista Roberto Barros interpretando Vivaldi; e as apresentações dos artistas Jão, MC Carol e Rihanna com orquestras. Ou seja, a música clássica possui público e gera interesse, mas ainda precisa do alcance de outros gêneros para ganhar visibilidade. Na nuvem de termos mais associados à música clássica, destaque para citações a outros gêneros, como "pop rock", "brega funk", "bossa nova" e "banda de frevo".

**Imagem 2:** Nuvem de palavras-chave em torno de música clássica.



**Fonte:** Meltwater, 2023.

A combinação da música clássica com outros gêneros musicais é uma estratégia valiosa para promover uma maior disseminação e penetração da mesma na sociedade contemporânea. Ao fundir elementos da música orquestral com gêneros populares, como rock, eletrônica, jazz e até mesmo hip-hop, ganha-se uma abordagem inovadora e acessível, aproximando-se de um público mais diversificado e ampliando seu alcance.

Essa sinergia musical cria uma ponte entre o tradicional e o contemporâneo, atraindo tanto os entusiastas da música clássica como também aqueles que, de outra forma, poderiam sentir-se distantes do gênero. A fusão de estilos abre novas possibilidades criativas, permitindo que compositores e intérpretes explorem territórios sonoros únicos e instiguem a curiosidade do público. Essa abertura para a experimentação e o diálogo entre diferentes expressões musicais contribui para revitalizar o interesse no universo sinfônico, tornando-o relevante e contemporâneo

para as gerações atuais e futuras, e, assim, assegurando sua presença e relevância no panorama musical global.

Em relação ao perfil da Osesp no Instagram, segundo a ferramenta SocialBlade, desde novembro de 2019, o especial Sinfonia de Cinema, em fevereiro de 2022, foi o que mais gerou novos seguidores. Considerando os últimos 12 meses, desde junho do ano passado, o maior pico de novos seguidores foi impulsionado pela Sinfonia de Games. Os aumentos de seguidores evidenciam novamente a necessidade de se associar a temáticas com maior adesão popular.

Vale mencionar também o trabalho de José Bowen, autor de "The Classical Music Experience: Discover the Music of the World's Greatest Composers" (2005). Bowen argumenta que a popularização da música sinfônica é fundamental para garantir sua relevância contínua. Ele enfatiza a importância de abordagens inovadoras, como concertos temáticos, fusões musicais e eventos interativos, que podem atrair novos públicos e proporcionar uma experiência mais envolvente e acessível.

Perguntado sobre como conquistar novos públicos sem perder o atual, o Diretor Executivo da Fundação Osesp, Marcelo Lopes, diz que é necessário "(...) desmistificar, por um lado, e mostrar que a desmistificação não diminui valor. Existe uma classe mais abastada que vê na Sala São Paulo uma certa emulação da sociedade vienense, parisiense, novaiorquina, que é tanto apreciada por essas pessoas. E, de novo, não vai uma carga crítica nisso, é só uma constatação fática. Então, a Sala São Paulo, até pela sua sultosidade, a arquitetura bastante rebuscada, acaba sendo esse lugar que emula e traz reminiscências.

Agora, a questão é demonstrar para eles que a exterioridade disso, e as várias formas de apreensão, e as várias maneiras, e as várias pessoas que compõem a nossa sociedade, podem apreciar da mesma forma, sendo que isso não diminui em nada o valor final daquilo que tem sido apreciado. Nesse caso, aquela coisa da exclusividade, até por se tratar de bem público, não se aplica.

É para todos. É para o banqueiro e para o bancário. É para o industrial e para o industriário. É um local onde as pessoas podem se encontrar porque elas têm um sentido de afeição pela arte, e não porque elas têm uma posição social.

O ideal, melhor dos mundos, é que todos que vão à Sala, que possam ir à Sala, tenham por ela apreço, tenham apreço e desejo de função artística, independente da classe social. Então, é mostrar para uns que o valor não está no preço, e para outros que o preço não impede a fruição do valor. Então, são esses dois lados que a gente tem que trabalhar muito.”.

Em "The Danger of Music and Other Anti-Utopian Essays" (2008), de Richard Taruskin, o autor discute a ideia de popularização e sua relação com a música clássica. Taruskin argumenta que a popularização da música sinfônica pode ser uma faca de dois gumes. Por um lado, pode ampliar o acesso e o apelo da música clássica, atraindo um público mais amplo e diversificado. Por outro lado, ele chama a atenção para a popularização excessiva, que pode levar à simplificação e descaracterização da música, diluindo sua complexidade artística e originalidade.

Por outro lado, Leonard Bernstein, um renomado compositor e maestro estadunidense, foi um defensor fervoroso da popularização da música sinfônica já na segunda metade do século XX; trabalhou para trazê-la a um público mais amplo através de programas educacionais e apresentações acessíveis. Ele acreditava que a música clássica poderia ser apreciada por pessoas de todas as origens e defendia a ideia de que a música sinfônica não deveria ser elitista, mas sim uma forma de arte acessível a todos.

Perguntado se, caso os mesmos perfis encontrados hoje nos concertos da Osesp lotassem todos os programas, o que não é o caso, estaria satisfeito, Marcelo, garante que “Não estaria. Aqui, como gestor público, o que me move é a legitimidade. Nós seríamos bastante ilegítimos se não tivéssemos todas as camadas da população representadas na sala de concertos. E ainda que houvesse uma necessidade financeira de venda de ingressos para a sustentabilidade da instituição, essa coisa toda, ainda assim você tem que criar oportunidade para que as pessoas de todas as camadas da população possam assistir.

## **OS EFORÇOS DA SALA SÃO PAULO PARA PRODUZIR O GOSTO**

Em sua obra "A Distinção: Crítica Social do Julgamento" (1979), Pierre Bourdieu argumenta que o gosto cultural não é simplesmente uma questão de preferência individual, mas sim um produto das posições sociais e das estruturas de poder. Ele explora como as classes sociais diferentes desenvolvem gostos

culturais distintos, e como esses gostos são usados para demarcar fronteiras sociais e reforçar as hierarquias existentes.

"Aquilo que distingue os estilos de vida das diferentes classes é a relação objetiva que cada uma tem com o conjunto dos recursos (econômicos, culturais, sociais, simbólicos) que estão em jogo na formação dos gostos" (Bourdieu, 1979).

Ele argumenta que as classes sociais mais privilegiadas têm acesso a um conjunto mais amplo de recursos culturais e simbólicos, o que lhes permite desenvolver gostos culturalmente valorizados e serem reconhecidos como detentores de capital cultural. Bourdieu também destaca como esses gostos são socialmente sancionados e podem ser utilizados para excluir ou marginalizar aqueles que não se enquadram nas normas culturais dominantes. Para o autor, o sistema de distinção e de preferência, que define uma hierarquia social de gosto, também contribui para definir a fronteira social que separa as classes cultas das classes populares (1979).

Para promover a democratização cultural, iniciação musical e profissionalização técnica, é essencial para abordar a questão da produção de gosto e a diversificação do público da Sala São Paulo, especialmente considerando que uma parte significativa do público atual é de idade avançada.

O conceito de produção de gosto sugere que a formação do gosto musical é influenciada pelo ambiente social e pelas experiências culturais às quais as pessoas são expostas. Bourdieu argumenta que as classes sociais mais privilegiadas têm acesso a um conjunto mais amplo de recursos culturais, o que lhes permite desenvolver gostos culturalmente valorizados.

Na realidade da Osesp, e Sala São Paulo, é importante promover projetos que incentivem a participação de diferentes faixas etárias e grupos sociais, a fim de diversificar o gosto musical e atrair uma audiência mais jovem e pluralizada. Esses projetos oferecem oportunidades de iniciação musical, formação de coros e especialização técnica, permitindo que crianças, jovens e talentos emergentes tenham acesso à música de concerto e desenvolvam suas preferências culturais.

Ao oferecer experiências participativas e educativas, esses projetos contribuem para a formação de um novo público, que valoriza e aprecia a música clássica desde a primeira infância. A existência dos projetos da Fundação Osesp é fundamental para combater a questão geracional na audiência da Sala São Paulo.

Os projetos abrem caminho para a renovação de gostos culturais, permitindo que diferentes grupos sociais tenham acesso e se aproximem da música clássica, independentemente de sua idade ou formação prévia.

A promoção da democratização cultural por meio de uma série de projetos que visam formação de plateia, iniciação musical e profissionalização técnica têm como objetivo expandir o alcance da música de concerto, oferecer oportunidades para jovens talentosos e atrair um público diversificado e mais jovem para suas atividades.

Todas as informações abaixo foram retiradas do relatório social da Fundação Osesp de 2021 e 2022.

#### Descubra a Orquestra

O projeto Descubra a Orquestra tem como propósito proporcionar um primeiro contato com a música de concerto por meio de atividades de audição e participação ativa. Concertos didáticos e ensaios gerais abertos são realizados na Sala São Paulo, atraindo estudantes de escolas públicas para vivenciar experiências musicais enriquecedoras, além de capacitar com cursos técnicos os professores que inscrevem suas turmas, tudo de forma gratuita. Essa abordagem visa despertar o interesse e a apreciação pela música clássica desde cedo. Ao longo de mais de 15 anos de existência, o projeto já atendeu quase 800 mil crianças e adolescentes, além de formar mais de 10 mil professores.

#### Coro Infantil e Coro Juvenil

Os coros infantil e juvenil da Osesp oferecem oportunidades de aulas gratuitas para crianças e jovens, independentemente de seu conhecimento musical prévio. Por meio de aulas e ensaios regulares a custo zero, os membros desses coros têm a chance de aprender repertórios e técnicas corais, além de se apresentarem em concertos próprios e ao lado da Osesp. Ao longo de 23 anos e com mais de 700 formandos, esses projetos contribuem para o desenvolvimento musical e de interesses profissionais.

## Academia de Música da Osesp

Com 15 anos de existência, a Academia de Música da Osesp é um centro de especialização para instrumentistas de diferentes regiões do Brasil. Com o incentivo de uma bolsa de estudos, por meio dessa iniciativa, os alunos têm a oportunidade de aprimorar e profissionalizar seus conhecimentos com renomados músicos da Osesp e aprimorar suas habilidades. Além disso, a Academia lançou o Coro Acadêmico da Osesp e, posteriormente, o curso de Regência, ampliando ainda mais suas atividades formativas. Os índices de egresso dos mais de 250 alunos formados pela Academia que atualmente ocupam vagas em várias das maiores orquestras do país e mundo, 77%, reflete a relevância e excelência do programa.

## Masterclasses Osesp

De frequência bimestral, as Masterclasses Osesp oferecem a estudantes e profissionais de música a oportunidade de aprimorar suas técnicas musicais. Músicos renomados, muitos deles convidados da Temporada Osesp na Sala São Paulo, compartilham suas experiências, carreiras e práticas de estudo. Essas masterclasses proporcionam um ambiente de aprendizado enriquecedor e estimulante. As aulas também são, em sua maioria, abertas ao público e em dias e horários que precedem concertos, discorrendo sobre o programa que será apresentado a seguir. Essa imersão se mostra valiosa pois, apesar do conhecimento prévio não ser necessário, não deixa de ser um diferencial que potencializa e maximiza a experiência.

## Visita Monitorada à Sala São Paulo

A Visita Monitorada à Sala São Paulo é uma atividade educativa em que grupos de visitantes são acompanhados por guias que explicam a história e as características da sede da Osesp. Esse passeio, que recebe cerca de 10 mil pessoas por ano, proporciona uma imersão no contexto cultural e histórico da Sala São Paulo, enriquecendo a experiência dos visitantes. Seu preço acessível, R\$5,00 de segunda a sexta e gratuita aos fins de semana, garante acessibilidade a um dos prédios históricos mais importantes da cidade.

Os programas educacionais da Fundação Osesp são iniciativas fundamentais e altamente relevantes para a democratização do acesso à arte, educação, música e cultura na sociedade contemporânea. De forma gentil, a Osesp se apresenta não como referência de erudição, mas, sim como uma expressão de arte disposta a dialogar com diversos públicos.

Os programas desempenham um papel essencial na promoção da inclusão e enriquecimento cultural em tempos de pouca valorização da cultura, como um todo. Através de ações variadas, como concertos didáticos, oficinas musicais, projetos de formação de plateia e atividades interativas on e offline, a Fundação Osesp fomenta um ambiente educacional dinâmico e acessível, proporcionando experiências transformadoras que extrapolam os limites da sala de concerto.

Nesse sentido, a ênfase na democratização do acesso à arte e à música, mesmo que a passos lentos, é notável, pois os programas educacionais da Fundação Osesp se destinam a públicos diversos, incluindo estudantes, professores, comunidades carentes e pessoas com deficiência. Tal abrangência demonstra um comprometimento sólido com a equidade e inclusão, permitindo que diferentes grupos sociais tenham a oportunidade de vivenciar e apreciar o universo musical clássico e suas nuances.

Em relação às redes sociais, a estratégia adotada pela Fundação Osesp ao utilizá-las para divulgar os espaços da Sala São Paulo e a programação da Osesp também foi objeto de estudo desta pesquisa. Anteriormente, as publicações apresentavam uma linguagem rebuscada e termos técnicos, o que podia afastar parte do público que não se considerava intelectualmente apto para consumir música sinfônica.

No entanto, uma mudança de abordagem ocorreu, com os posts adotando uma linguagem mais próxima e tom educativo, contextualizando o público sobre o que esperar ao visitar a Osesp e a Sala São Paulo, além de reforçar que é um programa acessível a todos.

O recorte a seguir, por exemplo, é uma publicação onde a instituição conta a história do programa que será apresentado naquela semana em tom amigável e convidativo.

**Imagem 3:** Clipping post Osesp 10/05.

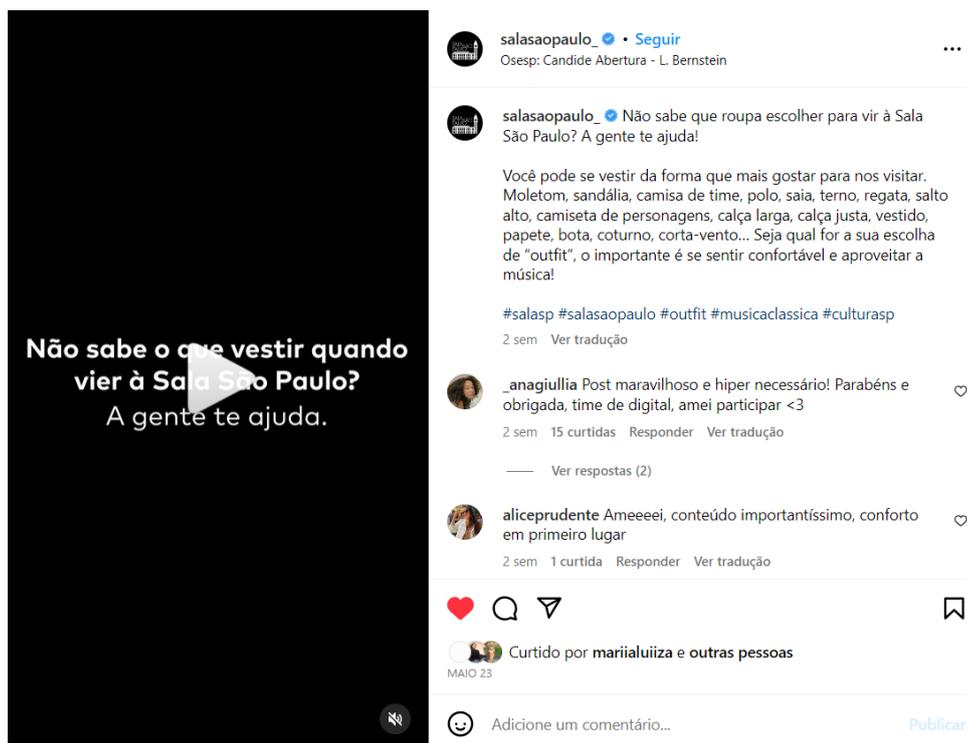


**Fonte:** Instagram da Osesp, 2023.

Para atrair um público mais amplo, a Fundação Osesp adotou uma linguagem mais acessível em suas publicações nas redes sociais. Em vez de utilizar terminologias complexas e especializadas, os posts passaram a apresentar explicações e contextos que auxiliam o público a compreender a música sinfônica e a experiência na Sala São Paulo. O tom educativo permite que as pessoas se sintam incluídas e capacitadas a apreciar e desfrutar os concertos.

O post abaixo publicado no Instagram da Sala São Paulo viralizou recentemente com quase meio milhão de plays, ganhando inclusive uma matéria no Jornal da Globo de 09/06/2023. O conteúdo, que visa demonstrar de maneira prática e sensível a liberdade de vestimenta para frequentar os concertos, mobilizou a audiência da Osesp e furou a bolha ao argumentar que a roupa não importa quando o assunto é o consumo da boa música que ali ecoa.

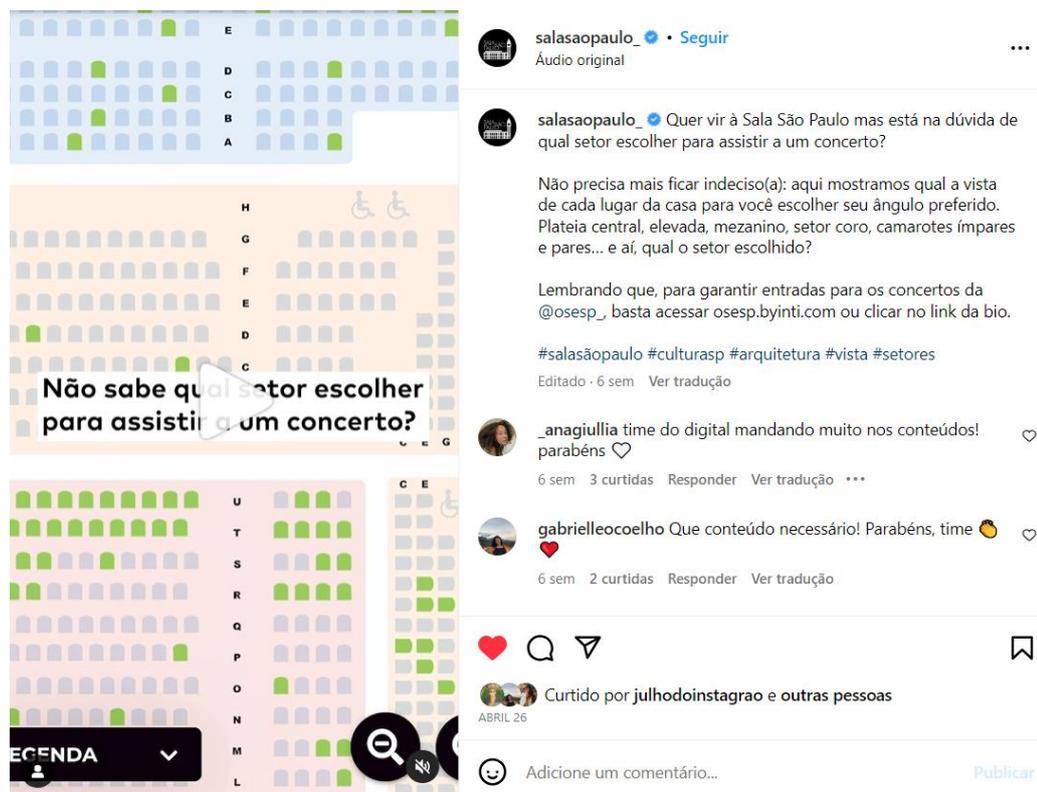
Imagem 4: Clipping post Osesp 23/05.



Fonte: Instagram da Sala São Paulo, 2023.

Outra estratégia adotada nas publicações é a contextualização do público sobre o que esperar ao visitar a Osesp e a Sala São Paulo. Através de imagens, vídeos e descrições detalhadas, os posts fornecem uma visão dos espaços, dos artistas e do ambiente durante os concertos. Isso ajuda a reduzir a ansiedade e a tornar a experiência mais acessível e familiar para o público em potencial.

Imagem 5: Clipping post Osesp 26/04.



Fonte: Instagram da Sala São Paulo, 2023.

Uma mudança significativa na abordagem é o reforço da mensagem de que a programação da Osesp é para todos. Os posts destacam a diversidade de estilos musicais, a inclusão de artistas locais e internacionais e a disponibilidade de ingressos a preços acessíveis, como também a inclusão de uma série de concertos que contam com recursos de acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Essa ênfase demonstra o compromisso da Fundação Osesp em tornar a música sinfônica mais acessível e derrubar barreiras que possam afastar potenciais interessados.

De toda forma, infelizmente não foi possível mensurar se esses ingressos estão de fato sendo utilizados pelo público para o qual foram designados, uma vez que o sistema de distribuição de ingressos não possui rastreabilidade de dados sensíveis, apenas daqueles pertinentes à relação de compra e venda.

A nova estratégia de comunicação nas redes sociais tem demonstrado resultados positivos. O engajamento do público aumentou significativamente; o que

se mostra um indicativo necessário, tendo em vista os números de outros equipamentos culturais paulistanos. O MASP – Museu de Arte de São Paulo, por exemplo, conta com mais de 800 mil seguidores no Instagram. A Pinacoteca de São Paulo, por sua vez, tem quase 500 mil seguidores, versus os 106 mil da Osesp e 160 mil da Sala São Paulo. Com um maior número de compartilhamentos, comentários e interações nas publicações, é esperado que a diversidade do público presente nos concertos também se amplie, abrangendo diferentes faixas etárias, origens e níveis de conhecimento musical.

## **CONCLUSÃO**

Através da reflexão sobre a homogeneidade cultural no público da Sala São Paulo e da Osesp, constatou-se a existência de barreiras que distanciavam determinados grupos da participação nas atividades promovidas pela Fundação Osesp. No entanto, foi observado que a Fundação Osesp está ciente dessas barreiras e adotou recentemente uma postura de marca que busca a democratização do acesso ao universo sinfônico.

Ao reconhecer a homogeneidade cultural presente em seu público, a Fundação Osesp compreendeu a importância de diversificar e ampliar sua audiência. Consciente das barreiras que limitavam o acesso à música clássica, a instituição adotou uma abordagem estratégica para promover a democratização cultural, visando alcançar um público mais diverso e inclusivo.

Essa nova postura reflete-se em diversas ações e iniciativas que buscam romper com as barreiras que distanciam as pessoas das atividades sinfônicas. Através de uma linguagem mais acessível e educativa nas redes sociais, a Fundação Osesp contextualiza as experiências musicais, tornando-as mais compreensíveis e aproximando-as do público em potencial.

Além disso, ao enfatizar a acessibilidade em sua programação, diversificar os estilos musicais, incluir artistas de diferentes origens e tornar os ingressos mais acessíveis financeiramente, a Osesp visa eliminar as barreiras econômicas, sociais e culturais que podem afastar determinados grupos da apreciação da música sinfônica.

Ao adotar essa postura de marca voltada para a democratização do acesso, a Fundação Osesp demonstra um compromisso em ampliar a participação de

diferentes segmentos da sociedade nas atividades da Sala São Paulo e da Osesp. A conscientização e a ação por parte da instituição são passos essenciais para promover a inclusão cultural e combater a homogeneidade no público.

No entanto, é importante destacar que a diversificação do público e a quebra das barreiras culturais não são processos simples ou imediatos. É necessário um trabalho contínuo e constante, envolvendo ações educativas, parcerias com instituições e uma abordagem sensível às demandas e necessidades do público diversificado.

No mais, Castro resume a essência do que é necessário para consumir e ser impactado pela música sinfônica – e toda e qualquer arte:

“Nem o virtuosismo técnico, nem o talento e nem a originalidade musicais dependem do esnobismo para existir, senão de maneira acessória ou – em sua versão mais simpática – pitoresca” (CASTRO, 2012).

## **Referências bibliográficas**

BAREMBOIM, Daniel; SAID, Edward. **Paralelos e paradoxos: reflexões sobre música e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. 1979.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2021.

CASTRO, Marcos Câmara de. **Música erudita e esnobismo: contribuição para uma etnografia das práticas contemporâneas**. João Pessoa: FFCLRP USP, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: O direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

MORAES, J. Jota de. **O que é música**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.  
Disponível em: <URL>. Acesso em: 31 jul. 2015.

**Relatório de Satisfação Osesp 2021**, promovido pela MC15 EnviroSell e gentilmente cedido pela instituição, em 2023.

TARUSKIN, Richard. **The Danger of Music and Other Anti-Utopian Essays**. **University of California Press**, 2008.

THOMPSON, Edward. **Ideologia e cultura moderna**. 1995.